

# Argentina atrasa acordo da dívida brasileira

SÃO PAULO — O acordo da dívida externa do Brasil com os bancos credores privados só deverá ser fechado no segundo semestre, a partir de setembro, mês em que se encerra o exercício fiscal americano. Esse adiamento do prazo para a assinatura do acordo da dívida, inicialmente previsto para ocorrer neste mês, é resultado da assinatura do contrato de renegociação entre a Argentina e os bancos credores, anteontem, segundo explicou ontem Edward Garlich, diretor do Washington Research Group, de-

partamento de análises econômica do Crédit Lyonnais Securities, banco de investimento americano controlado pelo Crédit Lyonnais, uma das principais instituições financeiras francesas.

“O acordo só vai sair no segundo semestre”, afirmou Garlich. E acrescentou: “Os bancos credores não têm capacidade patrimonial para arcar com dois descontos no mesmo exercício.” É que o acordo da Argentina com os bancos credores prevê um desconto de 35% so-

bre o valor original da dívida daquele país, com os demais 65% da dívida sendo convertidos em outros títulos. O Brasil também deverá receber o mesmo tratamento, ou seja, ganhar dos credores um desconto sobre o total da dívida. “E os credores não têm capacidade para repetir a dose neste mesmo exercício fiscal”, acrescentou ele. Conceder desconto significa contabilizar um prejuízo equivalente no balanço do exercício dos bancos credores. E a capacidade dos bancos em realizar esse lançamento teria fica-

do mais restrita após a assinatura do acordo da Argentina.

Garlich está no Brasil para realizar visitas a clientes do Banco Francês e Brasileiro (BFB), subsidiário do Crédit Lyonnais, com o objetivo de examinar oportunidades de novos negócios. Segundo ele, especialista em analisar as economias dos mercados emergentes, os Estados Unidos estão dedicados a implantar uma economia globalizada e integrada em todo o continente americano.

E todos os países terão acesso à essa integração, desde que consigam criar economias estáveis. México, Chile e Argentina estão um passo à frente do Brasil nesse processo, segundo Garlich, e poderão receber tratamento prioritário por parte do governo americano. Mas, lembrou ele, o Brasil avançou bastante e seu programa econômico já começa a conquistar a credibilidade da comunidade americana.

“O interesse em investir no Brasil, tanto da parte de investi-

dores institucionais, quanto de risco, é óbvio”, afirmou Garlich. Os investidores, segundo ele, estão apenas aguardando uma tendência firme do programa de estabilização do Brasil, além de esperar por uma maior abertura da economia e também mais agressividade no programa de privatização. “O programa brasileiro poderia ser mais convincente, como ocorre no México e na Argentina”, analisou Garlich. “O futuro dos investimentos americanos está na América do Sul.”